

DE AULAS PARTICULARES AO COLLÉGIO DE SÃO SEBASTIÃO: vestígios do ensino de matemática em São Luís

Waléria de Jesus Barbosa Soares ¹

Carlos André Bogéa Pereira ²

INTRODUÇÃO

Viajamos para o século XIX e abrimos as portas de alguns casarões de São Luís. Escolhemos os que abrigavam instituições escolares, o que nos permitiu compreender que a escola, nesse período, “era caracterizada como uma instituição que transitava entre a continuidade do ambiente doméstico e a consagração de um modelo institucional que substituiu o papel desempenhado pela família na função de transmissão dos saberes” (CRUZ, 2009, p. 111).

Essas escolas tomavam como referência as instituições escolares do Brasil que seguiam o currículo estabelecido pelo Colégio Pedro II. Há de lembramos que, quando este colégio foi estabelecido pelo regulamento nº 08 de 31 de janeiro de 1838, tinha duas finalidades: “primeiro, prover uma boa educação para os filhos dos nobres e funcionários da Corte, e segundo, servir como modelo para os colégios já existentes e os que viriam a ser fundados nas várias províncias” (LORENZ, 1986, p. 48). Dessa forma, os Liceus organizavam seus currículos e estes, por sua vez, serviam de referência para as demais escolas das províncias em que se localizavam.

Em São Luís não foi diferente: o Liceu Maranhense era a referência para outros estabelecimentos escolares, assim como as escolas particulares que surgiram no período e que tinham professores como seus fundadores. Essas escolas, em sua maioria, começaram como aulas particulares.

¹ Doutora em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professora na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6022-9670>. CV: <http://lattes.cnpq.br/0967769086810823>. E-mail: walleriajotabes@gmail.com.

² Doutor em Educação pela Universidade São Francisco (USF). Professor na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-1442-5033>. CV: <http://lattes.cnpq.br/5354005682997535>. E-mail: andrecabp@gmail.com

Nesse contexto, o nosso objetivo é apresentar uma pesquisa sobre a trajetória de como uma aula particular chegou à constituição de colégio, enfatizando os vestígios do ensino de matemática (GINZBURG, 2002), já que seu idealizador foi o comerciante e professor de matemática Roberto Antonio Moreira. Estamos aqui tratando das aulas particulares e do Collégio de São Sebastião, fundado pelo citado professor.

Ressaltamos que buscamos conhecer, na medida do possível, essa aula/instituição segundo Petitat (1994), buscando informações sobre: o processo de criação, instalação e localização; organização dos conteúdos escolares sobre a matemática; a legislação, as normas e a administração.

Desta forma, buscamos compreender uma instituição escolar como um “conjunto de aspectos institucionalizados que caracterizam a escola como organização” (FRAGO, 1995, p. 68). Assim, a história da “cultura escolar” se constitui na expressão das práticas do ensino de matemática e condutas contidas na história cotidiana de cada escola ludovicense no século XIX.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Consideramos a história por trás de instituições escolares como campo fértil de informações. Em todos os casos, os sujeitos estão banhados em uma cultura, e é a partir dela que buscamos construir o conhecimento, para então entender a significação das relações entre os homens por meio de seus atos e comportamentos, num determinado contexto, período e lugar.

A pesquisa é assim, caracterizada como qualitativa de abordagem histórico-cultural. Utilizamos como métodos ou técnicas: análise documental, que segundo Fiorentini e Lorenzato (2006, p. 102) é “aquela que se faz preferencialmente sobre documentação escrita”. E ainda, os documentos só conversam conosco a partir do momento que nós aprendemos a interrogá-los (BLOCH, 2001).

Para a construção do texto desta pesquisa partimos de fontes primárias, identificadas e selecionadas nos principais arquivos do estado do Maranhão, a saber: Biblioteca Pública Municipal Benedito Leite, Biblioteca Josué Montelo, Arquivo Público do Estado do Maranhão e Arquivo do Liceu Maranhense, além do Arquivo da Universidade do Porto,

onde o professor Moreira estudou.

Enveredamo-nos por jornais, revistas, regimentos e outros documentos que nos permitissem compreender o funcionamento das aulas particulares do professor Moreira até chegar às aulas oferecidas na escola particular por ele fundada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Roberto Antonio Moreira nasceu no Maranhão, mas não sabemos a data. No dia 07 de janeiro de 1874, abriu uma Aula de Comércio, em São Luís, para 22 alunos. Na aula inaugural, antes de iniciar sua lição de cálculo, declamou poesias de Castilho, e em seguida, condenou a leitura de textos extensos pelos jovens, assim como o gosto dos mesmos por versos para ele, duvidosos.

Em 14 de março de 1874, lança a obra “Guia Prática e Methodica de Contabilidade”. No mesmo ano lança: Tabela de Câmbio – Página íntima. Ambas publicadas em São Luís e utilizadas em suas aulas particulares, oferecidas em sua própria residência (Rua do Sol, nº 99), que ficou conhecida ainda como Escola Particular de Roberto Moreira.

O ensino visava ao interesse e à emulação dos alunos, e ainda, abolia o castigo corporal, de forma que buscava banir do aluno qualquer medo que viesse a ter do professor, da escola e do próprio do ensino. Os conteúdos abordavam:

A taboada, definições etc. As quatro especies em decimaes, redução de quadrados á decimaes, e vice-versa para melhor compreensão e mais fácil aplicação do systema metrico, e para abreviar certas operações. O systema metrico decimal popular, e explicado, para os casos mais necessarios e triviais, com tabelas comparativas e exemplos que elucidam. Tabellas de fracções reduzidas á decimaes para simplificar calculos. Duas taboas dos dias do anno, para contas correntes, descontos etc. Methodo de tirar e conferir contas correntes com juros, pelos systemas mais simples e exactos. Tabellas de câmbios (de 22 a 28 pens por mil reis) com Inglaterra, Portugal e França: auxiliar importantissimo [...] (DIÁRIO DO MARANHÃO, 17/03/1874, p. 4).

As categorias de ensino, como chamava Moreira, estavam divididas em Leitura, Cálculo, Ditado e Caligrafia. Sobre o cálculo, os exercícios abrangeriam “gradualmente as quatro espécies; fracções ordinárias e decimaes; systema-metrico-legal, proporções geométricas, etc.” (DIÁRIO DO MARANHÃO, 11/06/1878, p. 1).

Os resultados obtidos após 10 meses de funcionamento da escola (que contava nesse momento com 35 alunos) foram apresentados por Moreira ao público em geral pelos

jornais. Segundo o professor, era uma forma de deixar o público em geral a par de como ele procurava satisfazer o compromisso de instruir a mocidade local.

A matemática era sempre evidenciada em suas observações. Sobre o aluno Manuel Augusto Guimarães Moreira (seu filho), de 7 anos, disse “faz desembaraçadamente as contas de sommar, diminuir e multiplicar; já começou a repartir de 2 a 9” (Diário do Maranhão, 26/10/1878, p. 1).

Sobre Maria da Glória Guimarães Moreira, também sua filha e aluna, ressalta que “faz contas de multiplicar, porém não tinha a mesma aptidão para o cálculo que seu irmão – uma observação que podemos julgar, a princípio, preconceituosa e sexista” (Diário do Maranhão, 26/10/1878, p. 1).

Sobre os alunos Angelo Carlos Muniz e Joaquim José Muniz, de 12 e 10 anos respectivamente, o professor disse “sabem assentar dinheiro – que não sabiam, por exemplo: ler e escrever para sommar as parcelas” (Diário do Maranhão, 26/10/1878, p. 1).

Sobre o aluno Carlos Alberto Catanho, de 10 anos de idade, a quem considerava extremamente acanhado, mas se admirava por responder cálculos de cabeça, Moreira disse que o menino já respondia, com facilidade, a perguntas como: os três sétimos de 56? Dois terços de $\frac{3}{4}$? 6830 com 380? 5150 menos 320? 30 carneiros a 5\$500? 456 divididos por 90 trabalhadores? Etc.

Em outubro de 1878, ao apresentar esses resultados, Moreira anunciava que no próximo mês iria transformar suas aulas num Curso Primário. Destacava que os fins de seu curso não seriam “preparar estudantes para as carreiras científicas ou litterarias; e sim, quando possível, educar e habilitar cidadãos para qualquer mister da vida” (DIÁRIO DO MARANHÃO, 26/10/1878, p. 1). Nesse sentido, o professor afirmava que os alunos, ao fim de 10 ou 11 anos, saberiam ler, escrever e contar, sem esforço, e só após estarem aptos, passando por exames, é que passariam ao 2º grau.

Para isto, seu programa de ensino seria composto de:

- 1º grau: Ler, escrever e contar até as frações e sistema métrico legal, acompanhado de numerosos exercícios práticos, inclusive as lições das cousas; Doutrina cristã; Moral e civilidade; Noções de gramática nacional: tudo explicado nos próprios livros de leitura e de modo que o aproveitamento seja uma realidade.

- 2º grau: Desenvolvimento das matérias precedentes; Regras de proporções, e sua extensa aplicação às artes e indústrias; Escrituração mercantil; Higiene (conceitos e preceitos); Lições de geografia e história; Leitura explicada da Constituição do Império, etc; Gramática geral; Língua francesa: tendo por base – o falar; Língua inglesa – do mesmo modo; Leituras públicas noturnas sobre assuntos recreativos (mas essa disciplina não era obrigatória).

O método continuaria a ser o simultâneo e o ensino visava ao interesse e à emulação, da mesma forma. O curso seria misto, e para as meninas, após terminarem o 1º grau, a família poderia optar para que elas continuassem no 2º grau com o ensino elementar e profissional, ou pelo ensino industrial de trabalhos de agulha.

No ano seguinte, em 1879, ao seguir todo esse plano, o Curso Primário do professor Moreira deu início. Sobre os alunos, dizia que,

[...] dos doze aos quatorze anos um mocinho deve ou pode estar preparado – a fim de entrar para um lyceu, para uma casa de commercio, para uma officina, para uma repartição, etc. sabendo já alguma cousa immediatamente applicável em qualquer um desses tirocínios, a que se destine (DIÁRIO DO MARANHÃO, 10/04/1879, p. 1).

Em dezembro de 1879, Moreira anunciava que ampliaria seu Curso Primário, abrindo, portanto, um colégio. Ainda assim, no ano de 1880 continuou apenas com o curso e planejando a abertura da instituição. Ela veio acontecer apenas em 1881, e contava com familiares do professor como auxiliares, além de outros professores, e funcionava na Rua dos Afogados, nº 45, casa onde morava o professor.

Tratava-se do Collégio de São Sebastião, cuja direção ficou a cargo do professor Moreira e de sua esposa, Guilhermina Moreira. No seu funcionamento eram oferecidas, além do Curso Primário, aulas noturnas. O primeiro ocorria nas modalidades internato, semi-internato ou externato, ambos recebendo crianças, de ambos os sexos, até 12 anos de idade. As aulas diurnas aconteciam das 10h às 14h (ou 15h) e as aulas noturnas das 19h às 21h.

O novo Curso Primário seria composto a princípio de nove matérias: Leitura, escrita, contas, doutrina cristã elementar, moral e civilidade prática-explicada; Ensino e exercício oral e escrito de prosódia e ortografia; Aritmética; Gramática nacional; Língua francesa; Desenho geométrico; Cálculo e escrituração mercantil; Língua inglesa; e, Ideias

gerais sobre ciências, artes e indústrias, por meio de definições e explicações – à vista das melhores enciclopédias.

Sua organização, segundo Moreira, estava de acordo com as necessidades locais e populares. Para as meninas, depois que tivessem desenvolvido certo conhecimento, a pretensão era que frequentassem cursos manuais, como o de agulhas, entre outros.

O professor Moreira constantemente anunciava nos jornais locais qualquer novidade que acontecia na sua escola. Em maio de 1881, enfatizou as aulas manuais para meninas.

Em dezembro de 1881, Moreira faz saber que precisava de uma pessoa para ajudá-lo na direção do colégio. Ele também deixa claro que o pretendido professor deveria ter conhecimento em gramática portuguesa, francês e aritmética, além de ter paciência, método e energia para lidar com as crianças.

Os resultados dos exames prestados pelos alunos ao Collégio de São Sebastião continuavam sendo anunciados nos jornais. E sempre que podia, Moreira enfatizava a aritmética: “[...] com o jornal de hoje publica o sr. Roberto Moreira um avulso com o resultado circunstanciado dos exames em seo collegio. É notável o numero de alumnos que apresentou a exames este anno e as materias a que respondem, especialmente em arithmetica” (PACOTILHA, 23/12/1881, p. 2).

Sobre o ensino de matemática, mais especificamente a aritmética que se lecionava no Collégio de São Sebastião, Moreira acreditava que quanto mais o ensino fosse simples e prático, mais proveitoso e menos enfadonho seria. O seu método de ensino, segundo ele, estava descrito na sua obra “Arithmetica do Povo”, e consistia em começar dos exercícios mais simples para as hipóteses mais complexas. Dessa forma, Moreira acreditava que o aluno, mesmo sem ter conhecimentos prévios em tabuada, conseguiria resolver os problemas que envolviam as quatro operações. Ainda, para ele, seguir/utilizar o livro faria com que o professor ganhasse tempo em suas aulas, além de promover a emulação entre os alunos, o que consistia no melhor método de ensino.

CONSIDERAÇÕES

O resgate de histórias de constituição de instituições e como se dava o ensino de matemática nos primórdios da educação escolar de São Luís, mostra-nos a busca pelo modo de educar de acordo com seus propósitos (ou de seus fundadores).

Os colégios particulares fizeram parte do cenário ludovicense no século XIX. Em sua maioria, tinham professores que já desenvolviam trabalhos na educação pública como diretores. Essas escolas possuíam regulamentos próprios, porém não deixavam de considerar a realidade e leis locais. Ter professores de matemática como fundadores nos faz acreditar que a matemática tinha papel garantido na instituição, como nos mostrou o Colégio São Sebastião.

Reconhecemos a necessidade de investigação de muitos outros pontos, que vão desde os aspectos físicos das escolas, passando pelos materiais, até chegar ao currículo para o ensino de matemática que norteava a prática docente. Porém cada informação obtida sobre o Collégio de São Sebastião foi, por nós, comemorada. Pois, “a descoberta de novos registros que contenham informações sobre determinada instituição traz sempre a expectativa da descoberta, da possibilidade de novos caminhos” (MIGUEL, 2007, p. 31).

Não se sabe ao certo quando o colégio fechou suas portas, pois a partir do ano de 1883, até a data da morte em 1903, do professor Moreira, mesmo entre idas e vindas constantes em São Luís, ele foi trabalhar no Pará. A princípio sua esposa ficou dirigindo a escola, sozinha; posteriormente com o professor Carlos Rego. Ainda assim, não sabemos de sua continuidade.

REFERÊNCIAS

BLOCH, M. **Apologia da história**: ou ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CRUZ, M. S. A Educação dos Negros na Sociedade Escravista do Maranhão Provincial. **Outros Tempos**. v. 6, n. 8, Dez. 2009 - Dossiê Escravidão. p.110-129.

Collégio de São Sebastião. **Diário do Maranhão**, 26/10/1878, p. 1.

Collégio de São Sebastião. **Diário do Maranhão**, 11/06/1878, p. 1.

Collégio de São Sebastião. **Diário do Maranhão**, 10/04/1879, p. 1.

Collégio de São Sebastião. **Diário do Maranhão**, 17/03/1874, p. 4.



Collégio de São Sebastião. **PACOTILHA**, 23/12/1881, p. 2.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática**: percursos teóricos e metodológicos. Coleção formação de professores. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

FRAGO, V. Historia de la educación e historia cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo, n. 0, 1995. p. 63-82.

GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In _____. **Mitos, Emblemas e Sinais**. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

LORENZ, K. M. Os livros didáticos e o ensino de ciências na escola secundária brasileira no século XIX. **Ciência e Cultura**, v.38, n.3, 1986. p.426-435.

MIGUEL, M. E. B. Os arquivos e fontes como conhecimento da história das instituições escolares. In: NASCIMENTO, M. I. M. et al. **Instituições escolares no Brasil**: conceito e reconstrução histórica. Campinas: Autores Associados, 2007.

PETITAT, A. **Produção da escola, produção da sociedade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

Palavras-chave: História da educação; Instituições escolares; Ensino de matemática.